

**UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NAS REDES SOCIAIS DE
INTERNET: NOTAS DE PESQUISA**

Autor: Paulo Cesar Rodrigues Carrano

Pertenencia institucional: Universidade Federal Fluminense¹

E-mail: pc.carrano@gmail.com

Resumo

Esta comunicação é resultado de pesquisa desenvolvida em uma escola pública estadual de Ensino Médio localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.² O objetivo geral da pesquisa foi o de compreender o cotidiano de utilização das redes sociais de internet por professores e estudantes da referida escola. Foram utilizadas técnicas de investigação quantitativa – aplicação de questionário estruturado – e qualitativa – entrevistas individuais e grupos de discussão. Apresentaremos e discutiremos dados quantitativos da pesquisa. O estudo realizado se inscreve no campo das preocupações de pesquisa que procuram compreender a abrangência e o significado das relações sociais que jovens estudantes estabelecem com as redes sociais. Interessou à pesquisa saber da percepção de estudantes e professores sobre as potencialidades educativas das redes sociais no contexto escolar. Os jovens participantes da pesquisa consideram que as redes sociais são um importante instrumento para a aprendizagem, especialmente pela sua possibilidade de garantir um horizonte ágil e diversificado de informações. Alguns estudantes temem que a escola possa ocupar o espaço-tempo das redes sociais com atividades escolares, comprometendo o caráter de liberdade e divertimento das redes. Reconhecem, contudo, que a maioria de seus professores ainda não fazem uso das redes sociais por desinteresse, dificuldade de utilização ou mesmo por não acreditarem no potencial educativo das redes nas escolas.

Palavras-chave: Juventude, Ensino Médio, Redes Sociais, Internet

1 Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do CNPq – Bolsista Produtividade Nível 2. Coordenador do Grupo de Pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro e Coordenador do Portal Ensino Médio EMdiálogo.

2 Pesquisa financiada pela Faperj – Edital apoio à Escola Pública/2011. A pesquisa foi desenvolvida pelo Grupo de pesquisa Observatório Jovem/UFF e contou a participação de duas professoras bolsistas de Treinamento e Capacitação Técnica (TCT) e quatro jovens bolsistas de iniciação científica (Jovens Talentos) do ensino médio da escola que recebeu a investigação. Para fins de preservação do anonimato, omitiremos o nome da escola e assim utilizaremos nomes fictícios para os informantes.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Resumen

Esta comunicación es el resultado de la investigación llevada a cabo en una escuela secundaria pública estatal ubicada en el oeste de la ciudad de Río de Janeiro. El objetivo general de la investigación era comprender el uso diario de las redes sociales para los profesores y alumnos de esa escuela. Se utilizaron entrevistas individuales y discusiones en grupo las técnicas de investigación cuantitativa – un cuestionario estructurado – y cualitativo. En este trabajo se presentará y discutirá los datos cuantitativos de investigación. El estudio está en el campo de las preocupaciones de investigación que tratan de comprender el alcance y la importancia de las relaciones sociales que se ofrecen a los estudiantes jóvenes con las redes sociales. Nuestro interés en la investigación fue conocer la percepción de los estudiantes y profesores sobre el potencial educativo de las redes sociales en el contexto escolar . Los estudiantes que participaron en la encuesta creen que las redes sociales son una herramienta importante para el aprendizaje, sobre todo por su facultad de garantizar un horizonte de información ágil y diversificada. Algunos estudiantes temen que la escuela puede ocupar el espacio-tiempo de las redes sociales en las actividades escolares, comprometer el carácter de la libertad y la diversión de las redes. Reconocen, sin embargo, que la mayoría de sus profesores aún no hacen uso de las redes sociales por el desinterés, incapacidad de uso o incluso por no creer en el potencial educativo de las redes en la escuela.

Palabras clave: Juventud, Escuela Secundaria, Redes Sociales,

Introdução

Apresentarei sínteses de resultados de uma pesquisa realizada em escola pública estadual de Ensino Médio na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2012.³ Os dados, quantitativos e qualitativos, permitiram ampliar a compreensão sobre as múltiplas interações, convergências e conflitos entre os sujeitos da escola a partir das mediações proporcionadas pelas denominadas redes sociais de internet. A metodologia da pesquisa foi composta por duas etapas, a primeira consistiu na etapa quantitativa, com a geração e aplicação de dois diferentes questionários estruturados e algumas poucas questões abertas e autoaplicáveis para os professores e estudantes da escola onde desenvolvemos o estudo de caso. Construimos amostra não probabilística que procurou atingir o número total de estudantes matriculados. Ela é representativa por ter obtido respostas

³ A pesquisa contou com o apoio da FAPERJ e do CNPq.

aos questionários por 1224 estudantes, o equivalente a 73% do universo dos matriculados. A amostra de professores é menos robusta, porém, alcançou o significativo número de 44 professores de um corpo docente composto por 130 indivíduos.

A segunda etapa, qualitativa, se deu através de entrevistas individuais e grupos de discussão com estudantes e professores que foram gravadas em áudio e vídeo com qualidade técnica. O material audiovisual produzido serviu para a análise de conteúdos, mas também para a produção de um vídeo-documentário da pesquisa.⁴

Considerando o espaço de comunicação disponível, apresentaremos e discutiremos a seguir tão somente dados relativos às respostas dos estudantes ao questionário estruturado.

Subjetividades juvenis e sociedade da informação

Uma das questões mais impactantes para a educação escolar tem sido o reconhecimento de que o aluno é também um jovem e que não existe “a juventude”, mas “juventudes”. No contexto desta percepção da multiplicidade de maneiras de se ser aluno e jovem há, também, a compreensão de que ser jovem significa ser sujeito das intensas transformações pessoais e societárias relacionadas com o amplo processo de desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Os jovens possuem, hoje, um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdam e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais. Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas próprias trajetórias pessoais e isso inclui o desafio da construção pessoal e coletiva de conhecimentos significativos. As intensas transformações nas formas e conteúdos das instituições sociais interferem em suas condições e capacidades de promoverem processos de socialização. O que pode se chamar de crise ou esgotamento da *forma escolar* (VINCENT et al., 2011) se confunde com o próprio esgotamento da capacidade

4 O filme foi intitulado “Uma escola entre redes sociais” e pode ser assistido no seguinte endereço da internet: <http://www.emdialogo.uff.br/content/uma-escola-entre-redes-sociais-documentario-de-pesquisa>

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

de resposta aos desafios contemporâneos das instituições criadas na modernidade. Indaga-se até que ponto a instituição escolar teria condições de responder, hoje, às mutações que ocorrem no campo da subjetividade juvenil sem promover mudanças significativas de princípios de atuação e de organização dos espaços-tempos cotidianos.

As redes sociais se constituem como paradigma emergente de novos contextos de relacionamentos e compartilhamento de experiências e saberes caracterizados pela dispersão e pluralidade numa evidente rota de colisão com a lógica de fechamento e linearidade de escolas que se fecham entre suas “paredes” (SIBILIA, 2012). Pode-se dizer que nas redes sociais encontram-se um dos mais expressivos campos de experimentação para a constituição das identidades juvenis.

A crescente popularização da Internet está possibilitando a emergência de novas *culturas da participação* (SHIRKY, 2011) e de espaços-tempos de aprendizagem não hierarquicamente organizados. Há mais generosidade nas trocas comunicacionais no mundo conectado do que no contexto das comunicações unilaterais dos emissores clássicos de conteúdo, quer sejam conteúdos midiáticos como os que caracterizaram quase toda a história dos canais de televisão, ou ainda os conteúdos escolares que trafegavam na rua de mão única daquilo que Paulo Freire denominou de educação bancária. O que se acostuma chamar de “mundo virtual” da internet – com todas as imprecisões que o termo pode assumir – é espaço-tempo pleno de possibilidades de reais interações humanas. Um importante campo de pesquisa se constitui com a problematização sobre linguagens e meios de comunicação que possuem influência sobre a constituição das subjetividades juvenis. Nesta direção se encontram as chamadas redes sociais de relacionamentos (Facebook, Twitter, Orkut etc) que, sem exagero, já podem ser consideradas um traço civilizatório organizador dos modos de vida de jovens em todo o mundo. Assim, torna-se estratégica a realização de estudos que aprofundem conhecimentos e inventariem a multiplicidade de situações e usos que os jovens fazem dos diferentes canais de interação disponíveis na sociedade tecnológica no Brasil.

As manifestações culturais juvenis, notadamente as que se fazem notar pelas mídias eletrônicas, podem e devem ser utilizadas como ferramentas que facilitem a interlocução e o diálogo entre os jovens, profissionais da educação e da escola, contribuindo assim para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras em comunidades de aprendizagens superadoras das tradicionais hierarquias de práticas e

saberes ainda tão presentes nas instituições escolares.

A denominada “sociedade da era da informação” (LEVY, 1999; CASTELLS, 2000) se caracteriza por uma nova maneira de produzir e intercambiar informações: a cybercultura, sendo esta um conjunto de técnicas, sejam elas materiais ou intelectuais, práticas, atitudes, valores e modos de pensar que acompanham o desenvolvimento do chamado cyberspaço (LEVY, idem). As chamadas redes sociais são novas formas de comunicação e interação nas quais é possível a criação de perfis individualizados para encontrar amigos, estabelecer novos relacionamentos, criar e divulgar eventos e notícias, intercambiar experiências e conhecimentos e estabelecer vínculos sociais. As redes sociais se constituem como paradigma emergente de novos contextos de relacionamentos e compartilhamento de experiências e saberes caracterizados pela dispersão e pluralidade numa evidente rota de colisão com a lógica de fechamento e linearidade de escolas que se fecham entre suas “paredes” (SIBILIA, 2012). As redes sociais são hoje um dos mais expressivos campos de experimentação para a constituição das identidades juvenis.

O estudo de caso

A escola de nosso estudo de caso está localizada na zona oeste do Rio de Janeiro.⁵ É exclusiva para o Ensino Médio e funciona em três turnos. Na ocasião da pesquisa eram 1478 alunos matriculados no ensino regular, com 200 alunos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo um total de 1678 matriculados no ano de 2012. A maioria dos estudantes respondentes se encontra na faixa etária até os 19 anos (93,3%); mais da metade são do sexo feminino (56%). Sobre a cor, podemos observar que 37% responderam ser brancos, 36% pardos e 16% pretos; 11% não responderam a pergunta sobre cor de pele. Pardos e pretos resultam em 52% dos respondentes, o que pode significar, mas não seguramente, que a escola tem metade de seus alunos de baixa renda. Esta afirmação é ancorada no diagnóstico de que no Brasil a pobreza tem cor e também sexo, ou seja, são negros e mulheres que se encontram nas piores posições de classe e renda em comparação com restante da população.

⁵ Para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa omitiremos o nome da escola.

Acesso dos entrevistados à internet e redes sociais

A maioria dos estudantes acessa a internet com uma frequência maior que 11 horas semanais (38%).

Numa busca por perceber a medida da prioridade do acesso às redes sociais, perguntamos: “**Quando você liga o computador, qual é a primeira coisa que faz na internet?**”. Mais da metade dos estudantes acessam as redes sociais na internet como primeira ação do dia (55,4%). Em segundo lugar, e também expressando a importância das ferramentas de relacionamento e sociabilidade, aparece a utilização de canais de comunicação *on line* como MSN/Microsoft e G-Talk/Google, com 8,1%. A navegação na internet para fazer pesquisas escolares (4,1%) e participar de assuntos políticos (0,2%) são atividades de uma minoria de estudantes. As frequências apontam para o fato de que a diversão e o lazer são os objetivos prioritários dos estudantes quando se trata de uso de redes sociais e outras ferramentas de interação social na internet. A quase totalidade dos estudantes (93%) tem perfil em redes sociais. Destes, 81,3% possuem perfil específico no *facebook*.

O uso das redes sociais

Uma temática central de nosso questionário foi o acesso e os modos de utilizar as redes sociais. Número expressivo de estudantes (38%) acessa a internet com uma frequência maior que 11 horas semanais. Mais da metade dos estudantes acessam as redes sociais na internet como primeira ação após ligar o computador (55,4%). E, considerando o interesse principal para o acesso, 4,1% acessam as redes sociais para pesquisas escolares e somente 0,2% acessam as redes para participar de assuntos políticos ao iniciar o computador. A opção de priorizar a entrada nas redes sociais nos primeiros momentos de utilização do computador expressa a centralidade que o meio adquiriu entre os jovens estudantes. O impulso do acesso às redes para a busca de novidades, para ver as atualizações, ficar sabendo sobre quem “curtiu”, quem compartilhou e também qual o assunto do momento nas redes etc, explica o impulso de sociabilidade e a ansiedade de muitos jovens pela busca da conexão e entrada nas redes sociais de internet.

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

Dos 38% que acessam internet mais de 11 horas diárias, 33% o fazem para uso das redes sociais. Isso sugere que aqueles que mais tempo ficam na internet permanecem para utilizar as redes sociais. Entretanto, quando se pergunta quanto tempo acessam as redes sociais 35,1% apontaram que permanecem ligados em tais redes mais do que 10 horas, o que praticamente coincide com as citadas 11 horas de utilização da internet. A qualidade da interação nas redes sociais, apresentou-se da seguinte forma: 23,1% publica conteúdo e comenta, 14,3% afirma publicar conteúdo próprio e a maioria (37,1%) respondeu que “só olha o que está acontecendo”.

As redes na escola

Indagamos sobre a frequência com que estudantes utilizam as redes sociais para trabalhos escolares. Dos respondentes, 55% marcaram a opção “sempre que necessário”. Esta resposta denota um viés de uso contingente e que pode estar associado à resolução de algum problema específico ou cumprimento de obrigação. A resposta “com frequência” foi a opção de somente 20%. Este menor percentual de uso das redes sociais para o trabalho escolar pode significar que as redes sociais não se constituem como o canal privilegiado para que os estudantes respondam às exigências de busca de conteúdos para trabalhos escolares. Vimos aqui evidências de que as redes sociais não são para os estudantes o canal prioritário de complementação na internet das atividades demandadas pela escola.

Perguntamos se os professores costumam utilizar as redes sociais como ferramenta para tratar de assuntos escolares. A maioria dos estudantes (61,7%) reconheceu que somente alguns professores utilizam as redes para esse fim, 16,7% informaram que quase todos utilizam e 16,4% disseram que os professores nunca utilizam as redes sociais para tratar de assuntos escolares. Deixaram de responder 5,2% dos entrevistados.

A maioria dos entrevistados (63%) considera que o uso das redes sociais pela escola pode melhorar o aprendizado dos estudantes, 14,8% responderam que não acreditam o uso das redes sociais possa melhorar o aprendizado e 22,8% declararam não possui opinião formada sobre o assunto. Ainda nesta temática associada à aprendizagem, indagamos se as redes sociais poderiam se constituir num bom lugar para

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

fazer circular conhecimentos científicos. O grupo majoritário dos respondentes (58,8%) concordou com o argumento de que isso ajudaria na aprendizagem de conhecimentos científicos. Outro e minoritário grupo de estudantes (21,5%) concordou com a afirmação que as redes sociais estão mais voltadas para relacionamentos e amizades, não sendo, assim, bom canal para a circulação de conhecimentos científicos. Os que declararam não possuir opinião formada sobre o assunto foram 19,7%.

A maioria dos estudantes (52,3%) gostaria que seus professores utilizassem mais as redes sociais para os estudos e trabalhos escolares, 37,7% não gostariam e 10% não têm opinião formada sobre o assunto. Indagados sobre as razões de professores não utilizarem as redes sociais, 39,1% dos estudantes acreditam que os professores entendem que as redes sociais não servem para tratar de tarefas escolares, 28,2% dos consideram que estes não o fazem por não gostarem das redes, 17,1% acreditam que os docentes não sabem utilizá-las e 15,6% concordam com a afirmação que os professores não gostam de se expor. É importante ressaltar que esta é a percepção dos estudantes em função da pergunta de pesquisa e não, necessariamente, a resposta que os próprios professores poderiam dar. De qualquer forma, o resultado permite perceber ceticismo em grupo significativo de estudantes quanto ao envolvimento de alguns de seus professores com as redes e as aprendizagens escolares.

Perguntamos sobre a liberdade no uso dos computadores da escola para a navegação nas redes sociais. Houve equilíbrio de respostas. A maioria (38%) considera que a escola deve permitir o acesso com a presença de monitores ou professores; 31,3% consideram que o acesso às redes sociais deve ser livre. Um grupo menor (24,9%), mas de percentual também significativo, considera que o acesso às redes sociais deve ter algum tipo de controle. Uma minoria (5,8%) opinou pela proibição do acesso às redes sociais no laboratório de informática da escola. Com liberdade ampla e irrestrita, com acesso monitorado por professores e monitores ou com controle automático, o resultado para esta questão é que quase todos os estudantes querem que as redes sociais possam ser acessadas nos computadores da escola.

Conclusão

Diante no novo cenário mundial, onde a realidade ganha novos espaços de interação, o *cyberespaço* surge como unidade de análise. Novas dimensões pedagógicas desafiam a escola e seus sujeitos. É preciso aprimorar as ferramentas conceituais e

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

metodológicas de observação e coleta de dados de forma a proporcionar situações de maior proximidade com os modos de usar e simbolizar a prática nas redes sociais.

Podemos afirmar, também ancorados nos dados qualitativos da pesquisa, que as redes sociais são para os estudantes um ambiente relacional e reconhecido por eles como um espaço de pertencimento e sociabilidade. A vida escolar, muitas vezes distante desta realidade do estudante, encontra dificuldades de reconhecer que as redes sociais são característica geracional da identidade dos jovens estudantes. Os jovens estão ligados a uma rede de intercâmbio ampliada atribuindo significados e aprendizagens de diversas naturezas e, em grande medida, sem estabelecer relações com os conhecimentos planejados no âmbito escolar.

A maioria dos estudantes da pesquisa entende a rede social como um espaço de liberdade. Por um lado, observamos nítidos sinais de que os estudantes enxergam nas redes uma possibilidade de ampliar a intimidade, as relações de afeto, amizade e também um canal informal para compartilhar questões de foro íntimo com seus professores. Por outra via, grande parte dos estudantes declara que os objetivos das redes sociais são de natureza diferenciada das finalidades educacionais da escola. E, neste sentido, parece existir o temor de que a aproximação da escola das redes sociais possa significar a perda de seu caráter lúdico e, conseqüentemente, a transferência das formas e conteúdos escolares para o espaço-tempo do *cyberespaço*. Os jovens estudantes não se negam a participar do jogo da aprendizagem, mas parecem dizer que não querem, contudo, que seus espaços-tempos de sociabilidade nas redes sejam escolarizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34, 1999.

MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu; a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SHIRKY, Clay. *Cultura da Participação – Criatividade e Generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

**II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS,
SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”**

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

VINCENT, Guy; LAHIRE, B. & THIN, D. *Sobre a história e a teoria da forma escolar. Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 33, jun 2001, p. 7-47.

SIBILIA, Paula. *Redes ou Paredes – A Escola em Tempos de Dispersão*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2012.